

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO E UNIVERSIDADE*

Johan Konings S. J.

1. PERGUNTAS DOS UNIVERSITÁRIOS COM RELAÇÃO A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO (TdL)

A TdL exerce indubitavelmente certo fascínio sobre os universitários e intelectuais, sobretudo de esquerda. Suscita perguntas com relação à sociedade, à Igreja e à própria Universidade.

1.1 A TdL e a Sociedade

Os universitários percebem que a TdL fala uma linguagem que lhes é familiar, especialmente a partir da sociologia ou a partir da prática política. Perguntam qual é sua relação com as ideologias políticas, especialmente o marxismo; que luz ela projeta sobre a atuação política, inclusive nos partidos, etc. Que tipo de transformação da sociedade a TdL propõe, qual é sua utopia e sua estratégia? O que diz sobre luta armada? Estas e outras perguntas revelam uma relevância sociológica percebida pelos universitários.

1.2 A TdL e a Igreja

Muitas perguntas dos universitários procuram ver mais claramente qual é a relação da TdL com a vida da Igreja. Percebe-se que muitas vezes eles entendem por "Igreja" as instituições da mesma, especialmente o poder hierárquico; em outros termos, possuindo da Igreja uma compreensão preponderantemente sociológica, procuram situar a TdL com relação a ela. Por este lado, entram na categoria anterior de perguntas (a TdL e a Sociedade). Procuram saber qual pode ser a contribuição deste fator para a transformação da sociedade; até que ponto a TdL é a expressão de um setor da Igreja "aliado" na luta da libertação, e até que ponto este setor é capaz de eficácia visto sua ligação à Igreja-instituição, suspeita de ser apenas uma instância de poder.

Outros abordam o fenômeno a partir de uma visão supostamente "religiosa" da Igreja. Suspeitam de a TdL representar um cristianismo envergonhado, incapaz de transmitir uma mensagem religiosa e por isto colocando-se no nível sócio-político. Opõem a isto a atitude dos crentes

(*) Esboço de palestra pronunciada em diversos ambientes universitários, a partir de setembro de 1987.

e carismáticos, que parecem ser mais honestos e também mais eficazes, em sua colocação direta de assuntos especificamente religiosos, que, de fato, recebem maior atenção por parte dos universitários que a TdL. Alguém observou que há mais interesse por igreja sem política, ou por política sem igreja, do que por TdL...

1.3 A TdL e a Universidade

Pode-se perguntar também se a TdL serve para a Universidade. Não será ela muito mais relevante para o meio popular, as CEBs etc., do que para a Universidade, que é um ambiente de classe média, preponderantemente? Falar da TdL na universidade, não é apenas um passa-tempo burguês?

Outros, eclesialmente engajados, perguntam o que a "Igreja da Libertação" faz para a Universidade? Não considera como mato donde não se levanta lebre?

E, em geral, com a atual maré baixa da vida estudantil e universitária, será a Universidade ambiente interessante para colocar as perguntas de que trata a TdL?

Se não se pode negar certa curiosidade em torno da TdL no ambiente universitário, resta, porém, a pergunta: por que não se observa na Universidade uma atuação visível da mesma, como no meio popular, nas CEBs etc? Ou será que ela age no escondido?

2. UMA CONSIDERAÇÃO HISTÓRICA: A ORIGEM UNIVERSITÁRIA DA TdL

Não se pode negar que o ambiente universitário é uma das vertentes da TdL. É significativo que o primeiro sistematizador da TdL, Gustavo Gutiérrez, seja o assessor nacional do movimento dos estudantes católicos do Perú. De muitos outros teólogos da libertação se pode verificar ligações passadas ou presentes com o movimento estudantil ou com a Ação Católica no meio estudantil.

Restringindo-nos ao Brasil, mencionemos alguns fatos:

Por volta dos anos 50 a "Ação Católica" começou a tomar a foma da Ação Católica especializada, provocando, em nível de juventude, as JOC, JEC, JUC, JAC e JIC (operários, estudantes, universitários, agricultores, independentes). A metodologia era o "ver-julgar-agir", a pedagogia a da "revisão da vida", ambas levando a um contínuo confronto entre a percepção do ambiente da sociedade e a inspiração da fé. Uma fé situada na história, observando o "referencial histórico" (Henrique de Lima Vaz). Surgiu a consciência da necessidade da transformação das estruturas da sociedade, à luz desta fé "crítica", exigindo uma prática transformadora.

Tornou-se necessária uma nova reflexão cristã sobre a política. Esta se manifestou de modo muito característico na trajetória de D. Hélder Câmara: vindo de um passado até integralista, percebeu que a ordem estabelecida era uma desordem organizada... A reflexão política dos católicos mais conscientes começou a se deslocar da direita para a esquerda; foi também o caso de Alceu Amoroso Lima. Houve nisso influência do filósofo Emanuel Mounier, sobretudo através do Pe. Lebret. A JUC e a JOC tiveram um papel importante nesta evolução.

Mas a nova consciência cristã a respeito da política não se limitou a isso. No momento de passar de uma sociologia desenvolvimentista para a "teoria da dependência" (cf. o então professor Fernando Henrique Cardoso), muitos perceberam a necessidade de uma postura política de "libertação" do Terceiro Mundo dessa dependência (externa e internalizada). A aproximação às ideologias de esquerda, especialmente as diversas formas de marxismo, tornou-se inevitável. Ora, no episcopado brasileiro de antes de 1964, nem todos tinham percorrido o caminho de Hélder Câmara. Os bispos não dariam sua bênção a uma Ação Católica que se aproximasse expressamente dos marxistas. É bom lembrar que, em 1964, amplas massas de católicos apoiaram o golpe militar, vendo nele o remédio indispensável contra o comunismo. O episcopado não estava longe desta maneira de ver. Diante disso os militantes da JUC que procuravam desenvolver ação comum com os grupos marxistas, articularam-se de forma independente do episcopado na Ação Popular (AP), cruelmente perseguida em diversos momentos pelo regime de 1964. Também esta experiência de universitários cristãos se reflete na TdL.

Por fim convém destacar um movimento de origem universitário-popular, que esteve presente como pano de fundo nas origens da TdL: o Movimento de Educação de Base (MEB), baseado no método de Paulo Freire.

Muita coisa da TdL foi articulada no ambiente universitário. Certamente, sua fonte está na experiência e consciência popular. Mas sua articulação é papel do intelectual orgânico, e os universitários cristãos dos anos 60 assumiram este papel. Sem isso, não haveria espaço para a TdL no Brasil.

Para ser completo convém mencionar que, no caso do Brasil, estes elementos preparatórios não produziram de modo direto a TdL. Houve uma ruptura, devida ao esvaziamento dos movimentos de Ação Católica a partir de 1966. Enquanto nos países vizinhos a reflexão avançou e culminou na Conferência Episcopal Latino-Americana de 1968, em Medellín, no Brasil reinou o silêncio. Foi a partir da pastoral popular, das CEBs etc. que a TdL efetivamente fez sua entrada no Brasil na década de 70. O laço com a Universidade foi reestabelecido paulati-

namente, sobretudo a partir de 1977, com a articulação da Pastoral Universitária (PU) como herdeira da antiga JUC, bandeira assumida com maior definição pelo Movimento de Cristãos Universitários (MCU), fundado em 1984.

3. TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Depois desta consideração histórica, podemos focalizar a TdL como tal.

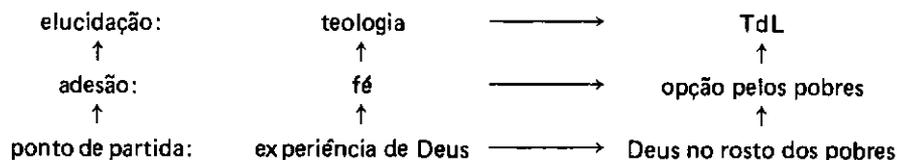
O que é *teologia*? É o "discurso científico da fé". Discurso (ou explicitação) a partir da fé, pela fé e sobre a fé. É a fé que se expressa num pensamento organizado. Não é a fé sem mais, mas também não é um discurso qualquer sobre a fé (como o discurso sociológico, fenomenológico, psicológico, histórico etc. sobre a fé como fenômeno, força social ou seja lá o que for). É o discurso da fé (do fiel) sobre si mesma: auto-elucidação da fé.

E o que é *teologia da libertação*? É o discurso científico da fé que se engaja na libertação histórica dos oprimidos.

A fé vem de uma experiência religiosa, ou melhor, é a resposta a uma experiência do "transcendente" — não no sentido de algo que escapa, mas de algo que supera todas as referências do homem: o incondicional, o indisponível, o absoluto. Quando esta experiência é assumida positivamente, torna-se fé; quando ela é recusada (por ser incômoda, desinstaladora), temos a incredulidade. Quando a fé se explicita em forma de um discurso sistemático, resulta a teologia.

Na TdL, a experiência religiosa é a experiência do absoluto no contato com a opressão e a exploração do pobre. É perceber no rosto do oprimido um apelo de Deus para mudar esta situação nas suas causas e raízes — as estruturas da sociedade, o pecado social etc. Percebemos essa exigência como incondicional, absoluta. É uma experiência de Deus na vergonha e indignação que sentimos diante da exploração de nossos irmãos. Se então a fé e adesão ao Absoluto que aqui se manifesta, ela toma necessariamente a forma de opção: a opção pelo pobre e oprimido. A partir daí, ela se explicita como teologia desta opção libertadora, a partir e para a prática da libertação.

Esquema



A TdL é uma teologia ética, a tal ponto que alguns a confundem com a doutrina social da Igreja. Mas ela é também mística. É prática, mas também e antes de tudo é contemplativa, pois nasce da contemplação do rosto do Deus compadecido, Jesus Cristo, no rosto do pobre e do oprimido. Este é o ícone de Deus que a TdL tem diante dos olhos: Jesus que, como filho querido de Deus, se compadeceu do povo (Mt 9,35; Mc 6,34); que, como juiz último de nossa história, se identifica com os pobres desconhecidos que apelam para a nossa gratuita "compaixão" (Mt 25, 31-46); que, morrendo por e com seu povo perseguido, se torna Senhor da Glória.

Como teologia prática, ela não é meramente uma moral social nem se reduz à doutrina social da Igreja. Ela não apenas quer ensinar as pessoas a serem justas na sociedade (como no provérbio que diz: "Se cada um varre diante de sua porta, a rua toda fica limpa"). Ela quer acordar o povo para uma transformação da estrutura da sociedade (a rua em questão foi tão mal implantada que nunca poderá ser limpa!). Pois, apesar de todas as tentativas de justiça pessoal, o que vemos são pobres cada dia mais pobres e ricos cada dia mais ricos (Paulo VI). A estrutura não é a adição dos indivíduos; é a sua articulação. A estrutura faz acontecer coisas que muitos indivíduos tomados cumulativamente nunca farão acontecer; e também impede muita coisa que toda a boa vontade individual acumulada jamais conseguirá realizar... Mas, mesmo se ampliamos a "doutrina social" até as estruturas, a TdL é ainda mais do que isso. É uma teologia completa. É uma reflexão sobre o que quer dizer "Deus" em meio a um mundo mal estruturado e a transformar. Daí que ela descubra nas *Escrituras* um Deus que transforma a história e as estruturas: o Deus libertador. A *salvação* realizada pelo dom da vida do enviado de Deus, Jesus de Nazaré, não será completa, se não incluir a libertação histórica na matéria de nossa sociedade. Por isso, na TdL, a contemplação, que ao dizer dos místicos, nos torna semelhantes ao contemplado, desembocará necessariamente numa práxis transformadora.

4. IMPACTO DA TdL NA UNIVERSIDADE

4.1 Impacto nos universitários

Apesar de uma certa indiferença (v. acima), não se pode negar que muitos universitários, não só cristãos como até não-cristãos confesos, sentem algum impacto da TdL. No mínimo, sentem simpatia ou antipatia para com L. Boff e seus semelhantes...

Há diversos casos. Em primeiro lugar, o cristão "conscientizado" (ou em vias de conscientização). Percebendo o apelo de Cristo no rosto do pobre, opera-se nele a mudança de lugar social, ou seja, do ponto de

vista (de percepção, de interesse) de onde ele percebe e julga o processo social.

Em vez de julgá-lo em função dos interesses da classe média, à qual geralmente pertence, julgará o processo social em função dos interesses da classe oprimida. Ora, como a ideologia social tem a sua posição religiosa correspondente (sistema colonial, paternalismo religioso: capitalismo liberal, religião individualista etc.), a mudança de lugar social não pode acontecer sem mudança de lugar eclesial ("tipo" de Igreja) e de mentalidade religiosa. Vai ter um conceito religioso menos sobrenaturalista, mais encarnado e histórico. Isso acontece por etapas. Num primeiro momento pode sentir reflexos assistencialistas, aos quais corresponde um Deus providencialista. Na medida em que exerce uma práxis de inserção, descobrirá as feições do Deus solidário com o povo (o da "Misa Campesina" da Nicarágua). Mas ainda não é o suficiente para um intelectual. Quando ele assumir realmente o papel de intelectual orgânico, ou seja, de articulador da consciência do povo e a serviço dele, sua percepção religiosa se tornará também mais crítica e questionadora. Mas não há problema nisso, Deus é maior do que as nossas perguntas (se são sinceras). Neste questionamento de Deus, perceberá que Deus colocou muito mais nas mãos de seus filhos do que geralmente se pensa... Assumirá sua vocação histórica. "O céu é o céu de Javé; a terra, ele a deu aos filhos dos homens" (Sl 115)...

Outro caso é o do cristão também "consciente", mas conservador... Dispensa comentário. Será contra.

Mais excitante é ver a reação dos adormecidos e acomodados. Observam-se estranhamento, que pode tornar-se indignação (por causa da "mistura" de política e fé na TdL), ou inquietude, que pode aprofundar-se até tornar-se um verdadeiro desafio (e é neste momento que o testemunho dos cristãos engajados deve provocar uma decisão). Mas, na realidade, muitos adormecidos nem acordam...

Freqüentam nossas universidades também muito não-cristãos. Não-cristãos confessos, como certos leninistas-estalinistas. Ou não-cristãos de fato, que estão tão longe da visão cristã, que ainda não perceberam nenhuma mudança na Igreja desde o Concílio de Trento... (Como aquela formada em Letras que estranhava ao ver que hoje os padres já não usam batina). Conforme sua opção sócio-política (implícita ou explícita), mostram indiferença, inimizade ou simpatia estratégica. De fato, nos anos 70 houve muita aliança estratégica entre a esquerda não-cristã e a Igreja da Libertação. Ultimamente, com a relativa abertura política, a esquerda não-cristã pode mostrar menos interesse por este tipo de aliança. Já não precisa da cobertura da Igreja. Mas isso pode ser uma oportunidade para um diálogo mais autêntico, quem sabe.

Importa ainda chamar a atenção para um fenômeno muito delicado: a recuperação do discurso da TdL por setores movidos por outros interesses. Estes podem ser tanto da esquerda como da direita. A recuperação pela esquerda não-cristã consiste em assumir o discurso da TdL, com as suas afirmações religiosas (afinal, é teologia!), para reforçar sua ideologia política e para aliar os cristãos ao seu projeto concreto. Pelo lado direito, existe semelhante manipulação, plagiando a linguagem libertadora e usando-a sub-repticiamente contra visão religiosa subjacente e contra o projeto político libertador, induzindo na verdade uma prática imobilista. Às vezes esta prática vai de par com a exibição de um "cristianismo moderno", com posições arrojadas em matéria de sexo e arte etc. (o Caderno 2 do *Estado de São Paulo...*).

Mas estas observações seriam incompletas se não acenássemos também para a tarefa de se estabelecer um diálogo honesto com os não-cristãos com que partilhamos, pelo menos substancialmente, o projeto histórico.

4.2 Impacto nas instituições universitárias

Como as instituições universitárias estão profundamente ligadas à estrutura vigente, seja por serem organismos dela, seja por razões de sobrevivência (no caso das particulares), não devemos esperar que constituam a vanguarda da transformação. Portanto, um compromisso com o espírito e projeto da TdL não pertence às probabilidades, apesar de honrosas exceções. No máximo, as Universidades abrem espaço para a discussão acadêmica em torno à TdL, ou para uma atuação cristã libertadora dos indivíduos dentro das estruturas da universidade (tanto no nível do ensino como da vida estudantil). Como instituições, porém, se mantêm reticentes.

4.3 Impacto na estrutura universitária como tal

Entendemos por estrutura universitária o sistema de relações produtoras do saber organizado (científico, crítico e sistemático) dentro da sociedade. Pode ser que de fato esta estrutura, atualmente, esteja produzindo mais fora das universidades do que dentro delas; usamos então o termo "universidade" metonimicamente, querendo dizer todo esse sistema. Pode-se distinguir ainda a estrutura interna da Universidade: o sistema produtor do saber dentro da instituição universitária; e sua estrutura externa, ou seja, suas relações de produção no conjunto da sociedade. Qual é o impacto da TdL nesta estrutura universitária globalmente considerada?

Sem dúvida, a TdL colabora — juntamente com outros fatores — para provocar novos interesses na produção do saber universitário, interesses ligados às classes populares. Neste sentido observamos o crescente

interesse pela educação e medicina populares, a sociologia do conflito, a assessoria jurídica aos movimentos populares, direitos humanos, etc.

Percebemos também que, apesar do conservadorismo curricular, estão saindo de nossas universidades verdadeiros "intelectuais orgânicos", comprometidos com a libertação do povo oprimido e articulados com a própria força histórica do mesmo, não tentando levá-lo pelo cabresto, mas colocando-se a serviço dele num espírito de participação e conscientização. Muitos jovens intelectuais — embora sempre demasiado poucos — priorizam a *disponibilidade* para o povo sobre a carreira e o lucro. Isto não será o fruto dos programas de estudo universitário, mas não deixa de ser provocado por algo que é uma possibilidade inerente à estrutura universitária: o próprio contato de jovens intelectuais num ambiente comum de vivência e reflexão. Este é um ponto de inserção para uma pastoral universitária portadora da mensagem da TdL.

5. DESAFIOS PARA A TdL NA UNIVERSIDADE

No momento atual, quem vive no espírito da TdL percebe na Universidade muitos desafios. Aponto apenas os mais evidentes:

— **A aproximação ao povo** (inserção), enquanto o sistema universitário se torna cada dia mais alienante, por causa do crescente esvaziamento de conteúdo e a organização dispersiva da vida universitária.

— **A experiência religiosa dos universitários**. Estes estão expostos a um duplo questionamento de "dimensão religiosa" (o que nos anos 60 se chamava: secularização). Por um lado, tendo-se apenas uma imagem paternalista ou providencialista de Deus, o *engajamento histórico* pode provocar um esvaecimento do sentido do transcendente, ainda mais porque em certos meios marxistas se continua repetindo a conhecida e superficial crítica de Marx à religião (ópio do povo), relacionando-a com uma imagem da Igreja que não corresponde de todo com a sua realidade entre nós (ou seja: continua-se identificando a Igreja com a dimensão mais conservadora de seu aspecto institucional, e não com seus agentes mais dinâmicos, tantos leigos como padres e bispos, suficientemente conhecidos para merecer consideração). Existe, porém, uma outra fonte de esvaecimento do transcendente (daquilo que "nos faz transcender"): o pragmatismo e materialismo grosseiro que bombardeia da manhã até a noite jovens e adultos, populares e universitários, nas ondas da Globo e de Sílvio Santos, nas publicidades, na própria estrutura comercial, que viabiliza os supérfluos em detrimento dos produtos de subsistência, etc. Ninguém é de ferro, nem mesmo um militante de esquerda...

A primeira forma de secularização deve ser superada criticamente, ou seja: deve-se desmitologizar o que a imagem de Deus tem de alienan-

te, não para desfazer qualquer imagem de Deus (pois de Deus só podemos ter imagem), mas para restituir-lhe seu verdadeiro sentido; em vez do Deus dos "panos quentes", o Deus provocador e libertador... Não se assustar ao descobrir o teor simbólico da linguagem religiosa, inclusive quando ela aparece como narrativa e transmite informações históricas reais. Não ter medo da "encarnação" de Deus em linguagem humana, muitas vezes ingênua aos nossos olhos. Não rejeitar esta linguagem, pois é a linguagem do povo e, por isso, de Deus; antes, pelo contrário, descobrir seu sentido profundo e usar-se dela com a simplicidade da "ingenuidade reconquistada" do outro lado da crise devidamente "atravessada".

A segunda forma de secularização — o materialismo grosseiro — deve ser enfrentado pela *volta à interioridade*. Aliás, este é o remédio também contra o ativismo superficial, que transforma os militantes em simples "mexe-mexes", desprovendo-os de toda eficácia profunda. Práxis transformadora não é a mesma coisa que estar sempre mexendo, como esses jovens que acham que sempre devem estar fazendo alguma coisa, mesmo na hora de namorar... Pelo contrário, deve-se curtir uma experiência profunda do Deus que se desenha no rosto de Jesus e do pobre, culminando numa opção incondicional pelo pobre e oprimido. Ter a coragem de virar as costas às "ondas" soltas por aí... Rezar para agir, agir para ter o que rezar...

— O testemunho cristão na Universidade. Não o testemunho fari-saico dos "bons" num mundo que julgam pervertido. Mas o testemunho de "obras boas", que levem os homens a reconhecer a bondade de Deus que nelas se reflete (cf. Mt 5, 16): uma práxis benfazeja para o mundo, portanto, transformadora (pois é disso que o mundo precisa), para que transpareça o rosto do amor de Deus. Ora, práxis transformadora não é sempre boazinha... pode ter cara feia, é conflitiva. Mas mesmo assim deve transparecer nela a *ternura* de Deus.

Este testemunho é implícito, está dentro do agir. É necessário também o testemunho explícito: "dar as razões de nossa esperança" (1 Pd 3, 15). Saber dizer por que agimos assim. O que exige boa formação.

Proporcionar aos universitários *informação* sobre o novo modo de ser Igreja, proporcionar oportunidade de verdadeira formação religiosa e cristã, proporcionar um jeito desconhecido de ser cristão no compromisso histórico. Honrar o *testemunho*, que na língua cristã se chamava "martírio".

— **Atuação prática.** Como organizar ainda alguma atividade num ambiente estudantil morno, desanimado? Talvez congelar por um momento as discussões teóricas universais e começar pelas pequenas coisas (ou causas), por exemplo o pobre no meio estudantil, os que precisam trancar matrícula por não ter como pagar, os que enfrentam problemas

insuperáveis de transporte, alimentação, etc. Desenvolver a "espiritualidade da formiga". A opção pelo pobre na própria Universidade como primeiro passo para uma práxis mais abrangente. Aprender a andar a passos pequenos.

— **Levar a Igreja a se voltar novamente para o intelectual**, porém, não com o intuito de conquistar uma elite, a partir de onde se possa levedar a massa mas com o intuito de formar cristãos que sejam intelectuais orgânicos, comprometidos com a multidão dos pobres e oprimidos, sem deixarem de ser intelectuais (pois, se o deixarem, não poderão cumprir sua vocação junto ao povo). Inverter o relativo "desprezo" para com os intelectuais que existe em certos setores pastoralistas; revalorizar o estudo, mesmo quando não aparenta utilidade prática imediata (pois o que faz um intelectual ser verdadeiramente perspicaz e compreensivo é o amplo horizonte de seu saber, as muitas coisas "inúteis" que ele tem diante dos olhos; neste sentido, o imediatismo revolucionário ou pastoral são cúmplices do pragmatismo tecnológico do sistema vigente).

— **Transformar profundamente as estruturas da Universidade...** mas isso é a perspectiva geral, exigindo investimento a longo prazo, união das forças, procurar unir professores, administradores, alunos, políticos, todos os que tem a ver com a Universidade, para traçar a linha de opção não numa simples divisão mecânica entre alunos e autoridades, mas entre quem opta pela transformação e quem se opõe a ela.

6. CONCLUSÃO

O desafeto entre a Universidade brasileira e a Igreja data de desde os tempos do liberalismo e do positivismo, tempos de anticlericalismo combativo. Hoje, existe indiferença, um desafeto difuso. Os marxistas continuam vendo o cristianismo como alienador e os cristãos como ingênuos e acríticos. Mais ainda pesa a indiferença causada pelo pragmatismo consumista. Existem, porém, universitários conscientizados a respeito dos novos rumos do saber na transformação histórica da sociedade a partir do desejo de igualdade e participação dos oprimidos. Acreditamos ter chegado a hora de convidá-los para o diálogo com a nova consciência cristã que se manifesta na TdL.

Johan Konings S.J. é doutor em Teologia pela Universidade de Lovaina (Bélgica). Professor de Exegese do Novo Testamento na Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (Belo Horizonte-MG). Assessor nacional do MCU (Movimento Cristão Universitário). Entre suas obras, mencionem-se: *Encontro com o Quarto Evangelho* (1975). *Jesus nos Evangelhos Sinóticos* (1977). *Espírito e mensagem da liturgia dominical* (1986). (Todos pela Ed. Vozes, Petrópolis). *Pastoral Universitária* (São Paulo: Ed. Paulinas, 1984).

Endereço: Caixa postal 5047 — 31611 Belo Horizonte — MG